



## O DIÁLOGO NAS TRADIÇÕES JUDAICA E CRISTÃ

### A IGREJA CATÓLICA E OS JUDEUS, UM DIÁLOGO EM CONSTRUÇÃO

(The dialogue in the Christian and Jewish Traditions

The Catholic Church and the Jews, a dialogue under construction)

**Dr. Alberto Milkewitz\***

Mestre e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)

#### RESUMO

O autor apresenta sua visão sobre quais fatores que levaram a Igreja ao diálogo com os judeus, após uma história marcada pelo domínio católico e a perseguição ao povo judeu. Expõe também algumas contribuições judaicas bíblicas ao tema, tais como a técnica de debate/estudo chamada de *pilpul* e o conteúdo de extensos debates encontrados no Talmude, que demonstram o lugar central que o diálogo e a indagação filosófica têm no Judaísmo. Acrescenta também aportes contemporâneos judaicos ao pensamento universal, através da filosofia desenvolvida pelo pensador judeu Martin Buber, corroborando o lugar central e ininterrupto do diálogo no Judaísmo desde seu nascimento. Ao longo da apresentação são feitas ligações com a Declaração *Nostra Aetate*, como posicionamento chave da Igreja no tema do diálogo com os judeus, bem como os “10 Pontos de Seelisberg” e os “12 Pontos de Berlim”, resultado da interação entre cristãos e judeus após o Holocausto.

**Palavras-chave:** diálogo; *pilpul*; Talmude; Buber; *Nostra Aetate*; Pontos de Seelisberg; Pontos de Berlim.

#### ABSTRACT

The author presents his views on the factors that led the Church to dialogue with Jews, after a history marked by Catholic rule and persecution of the Jewish people. Also exposes some biblical Jewish contribution to the topic such as technic of discussion / study called *pilpul* and the content of extensive discussions found in the Talmud, that demonstrate the central role that dialogue and philosophical inquiry have in Judaism. It also adds the contemporary Jewish contributions to the universal thought made by the philosophy developed by the Jewish thinker Martin Buber, corroborating the central and uninterrupted place of dialogue in Judaism since its birth. Throughout the presentation connections are made with the *Nostra Aetate* Declaration, showing the Church key position in the theme of dialogue with the Jews and the 10 points of Seelisberg and the “12 points of Berlin”, result of the interaction between Christians and Jews after the Holocaust.

**Keywords:** dialogue; *pilpul*; Talmud; Buber; *Nostra Aetate*; Points of Seelisberg; Points of Berlin.



## INTRODUÇÃO

Estas reflexões sobre “O diálogo nas tradições judaica e cristã” são feitas com a confiança e o respeito mútuo de irmãos que estão dispostos a se ouvir e a pensar juntos, atendendo à verdade e à reciprocidade plena, mesmo quando se trate de problemáticas como as que nos congregam.

Assim esta apresentação busca ser um exercício do diálogo, bem como o é enquanto reflexo que nos convoca a Cátedra de Estudos Judaicos, sediada, significativamente, nesta prestigiosa Universidade Católica no Brasil, a PUCSP.

É pobre conceitualmente restringir a expressão “diálogo” apenas a uma conversação. No contexto do diálogo judaico-cristão é muito mais que isso, é um movimento, uma passagem, uma troca, entre duas ou mais pessoas, grupos, comunidades, onde pontos de vista diferentes são colocados.

Para o diálogo ser tal, deve haver uma intenção de transmissão entre os interlocutores, mas também de recepção da mensagem que o outro quer transmitir: de integração ao nosso “Eu” de visões que são diferentes às nossas, e que escutam desde diferentes lugares, mesmo que existam evidentes pontos de contato.

Para começar, é importante dizer que, no sentido antes exposto, é difícil, talvez impossível, que exista autêntico diálogo entre o poderoso e o mais fraco, particularmente quando o poderoso “manda”. Dar uma ordem não é dialogar.

Quando o poderoso, no caso a Igreja Católica, se dirigia ao mais fraco, como historicamente tem sido as comunidades judaicas, costumava ser um monólogo, uma ordem. Fosse feito isso diretamente ou através das autoridades dos inúmeros países, onde a Igreja comandava com mais poder, que a autoridade civil e até a militar.

Só quando o poderoso aceita que o fraco tem direitos e começa a escutá-los e a respeitá-los, se criam possibilidades de diálogo.



O povo judeu, através do seu líder, Moisés, falando 10 vezes para o faraó “*let my people go*, deixa meu povo sair”, lembrado anualmente nos jantares de *Pessach*, a páscoa judaica, não conseguiu estabelecer um diálogo. O Faraó rejeitou o pedido nas 10 vezes. E só se dobrou pela gravidade dos castigos infringidos por *HaShem*<sup>1</sup>.

Para que o diálogo aconteça, o fato de reconhecer o “outro” como “existente não supérfluo” (no sentido que dá Hannah Arendt a esse conceito) é condição inicial como o expressam documentos que serão mencionados neste texto, como o são a declaração *Nostra Aetate*, bem como os “Dez Pontos de Seelisberg”, e os “Doze Pontos de Berlim”.

Martin Niemöller, pastor luterano alemão é autor do célebre poema “*E não sobrou ninguém*” da época nazista na Alemanha. A peça mostra outro aspecto fundamental do diálogo, que é um compromisso radical com o outro, caro ao Judaísmo. O poema apresenta o que acontece quando não há diálogo:

Quando os nazistas levaram os comunistas, eu calei-me, porque, afinal, eu não era comunista.

Quando eles prenderam os sociais-democratas, eu calei-me, porque, afinal, eu não era socialdemocrata.

Quando eles levaram os sindicalistas, eu não protestei, porque, afinal, eu não era sindicalista.

Quando levaram os judeus, eu não protestei, porque, afinal, eu não era judeu.

Quando eles levaram os homossexuais eu não falei, eu não era homossexual.

Quando eles me levaram, não havia mais quem protestasse.

Ainda Hannah Arendt diz:

A calamidade dos que não têm direitos, não é que eles são privados de vida, liberdade e a busca da felicidade, ou de igualdade perante a lei e da liberdade de opinião (todas as fórmulas concebidas para resolver problemas dentro das comunidades dadas), mas que já não pertencem a nenhuma comunidade. Sua situação não é que eles não são mais iguais perante a lei, mas a lei não existe para eles, não é que se os oprima, mas ninguém quer mesmo nem sequer oprimi-los. Somente na última etapa de um processo bastante demorado é ameaçado seu direito de viver, mas só se eles permanecem perfeitamente



“supérfluos”, se não há ninguém para reclamá-los, sua vida pode estar em perigo<sup>2</sup>.

Uma das bases do Judaísmo é que todos, sem exceção, fomos feitos à imagem e semelhança do Criador. *HaShem* criou, mas o ser humano tem que reconhecer isso na prática.

No Judaísmo, o diálogo autêntico é possível entre seres que se reconhecem como não superfluos, com direitos. O outro precisa ser reconhecido como ser, caso contrário não há possibilidade de diálogo.

A Igreja só esteve disposta ao diálogo quando seu poderio diminuiu. O diálogo da Igreja com os judeus é fruto da diminuição do poder da Igreja. A isso se adicionou o fato de ficar claro e inocultável que coisas gravíssimas aconteceram a milhões de seres humanos inocentes, que eram vizinhos de milhões católicos e outros cristãos na Europa dominada pelos nazistas e seus cúmplices. Mas a atitude predominante foi a do poema de Niemöller. Triste mas, como se diz em hebraico, *beshaa tová*, em português “em boa hora” recebemos a oportunidade de diálogo.

Continuamos dando as boas vindas ao diálogo, com uma visão não ingênua. Com uma exigência de continuar, dele não ficar restrito aos mais altos escalões de ambas as comunidades, nem apenas aos ambientes mais intelectualizados como são as Universidades, que são fundamentais, mas não suficientes. O diálogo tem que ser levado para outras instâncias da sociedade também.

O papa Paulo VI no Concílio Vaticano II, que teve por um dos resultados a declaração *Nostra Aetate*, documento que impressiona como uma intenção verdadeira de diálogo, consta:

Sendo assim tão grande o patrimônio espiritual comum aos cristãos e aos judeus, este sagrado Concílio quer fomentar e recomendar entre eles o mútuo conhecimento e estima, os quais se alcançarão, sobretudo por meio dos estudos bíblicos e teológicos e com os diálogos fraternos<sup>3</sup>.

Ainda que as autoridades dos judeus e os seus sequazes urgiram a condenação de Cristo à morte, não se pode, todavia, imputar



indistintamente a todos os judeus que então viviam, nem aos judeus do nosso tempo, o que na Sua paixão se perpetrou. E embora a Igreja seja o novo Povo de Deus, nem por isso os judeus devem ser apresentados como reprovados por Deus e malditos, como se tal coisa se concluísse da Sagrada Escritura. Procurem todos, por isso, evitar que, tanto na catequese como na pregação da palavra de Deus, se ensine seja o que for que não esteja conforme com a verdade evangélica e com o espírito de Cristo.

A Declaração procurou corrigir séculos de incentivo da Igreja ao ódio aos judeus. No transfundo de *Nostra Aetate* está que algumas figuras de destaque, tais qual o Papa, conseguiram reconhecer que a Igreja tinha feito coisas erradas e graves aos seus “irmãos mais velhos”.

Deve-se convir que a relação entre irmãos, como aparece na *Torá* desde Caim e Abel, passando por Yossef e seus irmãos, não é necessariamente boa. Seria ingênuo pensar que a palavra “fraternal” equivale a “bem” ou “boa”. Para dialogar não basta sermos irmãos, precisamos ser bons irmãos. Apenas para citar alguns problemas bastante graves que marcaram a história da relação da Igreja com os judeus anterior ao diálogo:

- A perseguição nos tempos bíblicos e as acusações coletivas;
- A Inquisição;
- O silêncio que predominou durante o Holocausto.

Não em vão, um órgão chamado Conselho Internacional de Cristãos e Judeus, em 1947, após a II Guerra Mundial escreveu os “10 pontos de Seelisberg”<sup>4</sup>, e colocou como recomendações aos cristãos para que realmente o diálogo aconteça, os seguintes pontos:

6. Evite usar a palavra “judeu” no exclusivo sentido de “inimigos de Jesus”, e as palavras “inimigos de Jesus” para designar todo o povo judeu.
7. Evite apresentar a Paixão de tal forma a provocar o ódio pela morte de Jesus em direção a todos os judeus ou sobre os judeus em geral. Foi apenas uma parte dos judeus em Jerusalém que exigiu a morte de Jesus e a mensagem cristã sempre foi de que foram



os pecados da humanidade que foram exemplificados por aqueles judeus e foram os pecados de todos os homens que levaram Cristo à cruz.

8. Evite se referir às maldições bíblicas, ou ao grito da multidão em fúria: Que o seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos, sem deixar de lembrar que este grito não deve contar mais que as palavras infinitamente mais pesadas de nosso Senhor: Pai perdoa-lhes, eles não sabem o que fazem.

9. Evite promover a noção supersticiosa de que o povo judeu é reprovável, maldito, que tem reservado um destino de sofrimento. 10. Evite falar dos judeus como se os primeiros membros da Igreja não tivessem sido judeus.

Quando todas as recomendações de Seelisberg sejam respeitadas e cumpridas estritamente por todos católicos e demais cristãos, seguramente o diálogo avançará bastante.

A própria menção desses pontos de Seelisberg demonstra que o diálogo, entendido como troca feita com respeito, é urgente, e os motivos também constam desde o primeiro ponto de Seelisberg:

“Lembrem que um único D’us fala para todos nós, através do Velho e do Novo Testamento”.

Esclarecido esse aspecto, é relevante abordar a postura judaica em relação ao diálogo, através de pelo menos três contribuições judaicas que ligarei e que podemos citar no limitado espaço disponível: *Heilu Ve’Heilu divrei Elokim Chaim, Pilpul e Talmude*.

Os judeus, somos extremamente discutidores, como o demonstra o *Talmude*, como bem o expressa o conceito *Heilu Ve’Heilu divrei Elokim Chaim* (Estas e aquelas são as palavras do D’us vivente) que aparece em *Massechet Eruvin*<sup>5</sup> em referência às discussões e posições de dois grandes sábios judeus: Shamai e Hillel.

Na *Guemará* em *Eruvin* 13b. está escrito:



Falou R. Abba bar Shmuel: Por três anos Beit Hillel e Beit Shamai discordaram, uma escola dizendo, 'a Halakhá é como nós a seguimos' e a outra, 'a Halakhá segue a nós.' Uma voz celestial foi ouvida a dizer: 'Ambas são as palavras do D'us vivente, mas a Halakhá segue a Beit Hillel' <sup>6</sup> No entanto, 'ambas são as palavras do D's vivente', então porque teve Beit Hillel o mérito de ter a Halakhá estabelecida de acordo a eles? Porque eles foram agradáveis e pacientes, e ensinavam seus ditos e os de Beit Shamai. Ainda mais, eles colocavam as palavras de Beit Shamai antes das suas próprias'.

*Heilu ve'heilu divrei Elokim Chaim:* este ditado talmúdico aparece em quatro oportunidades, duas no *Talmude* Babilônico, e duas no Ierosolimitano. Não significa que qualquer discussão e disputa outorguem o mesmo valor e justificativa ao que ambos argumentem sobre judaísmo, mas é um guia para mostrar que dois sábios podem ter opiniões diferentes sobre um mesmo tema, e ambas as perspectivas serem válidas.

Uma possibilidade é que na verdade ambas, na realidade, sejam estágios diferentes no conhecimento e na compreensão, e que isso possa guiar momentos ou etapas da educação. Mas muito relevante é observar o quanto essa abordagem, tão integrada à cultura judaica, estimula e exige fortemente ouvir as opiniões de um e de outro.

É característico do Judaísmo, desde os tempos bíblicos, o debate, chamado *pilpul*, típico do estudo nas *Yeshivot*, academias rabínicas, mas essa pedagogia peculiar fica mais evidente com o registro escrito contido no *Talmude*.

O *Talmude* registra sistematicamente as discussões entre os sábios, pontos de vista diferentes, e até opostos, às vezes provenientes de figuras que nem eram famosas, mas colocaram uma opinião merecedora de ser registrada. Isso gerou sempre relevantes discussões.

O *pilpul*, o debate, as opiniões contraditórias como aparecem no *Talmude*, anunciam o lugar central que a indagação filosófica teve, tem e terá no Judaísmo e em particular na educação judaica. Discutir e debater é preciso. Para isso é necessário pensar, argumentar e contra-argumentar: réplicas e tréplicas.



Os protagonistas desse processo, na prática, exercem um esforço de refletir, imaginar, indagar o texto, indagar o outro, indagar a realidade visível e a invisível, indagar a si próprios.

O tema do “debater”, “questionar”, ser uma característica cultural entre os judeus é um assunto popular, inclusive no Brasil, como o mostra matéria publicada na revista de maior circulação no país, onde o autor (Cláudio de Moura Castro) compara a educação judaica com a educação chinesa e diz:

“As mães chinesas insistem mais em obediência, as judias encorajam à argumentação, seguindo a tradição judaica de discutir tudo. Em sociedades modernas e confusas, a dialética da discussão é preciosa. Há também a veneração pelos livros, sempre comprados, mostrados e lidos pelos próprios pais”<sup>7</sup>.

Sendo o diálogo um tema tão central no Judaísmo de todas as épocas, gostaria de trazer também uma contribuição do Judaísmo contemporâneo ao tema do diálogo, na figura do pensador judeu, Martin Buber. Para ele o diálogo é a relação humana que define a existência.

A filosofia de Martin Buber constitui-se, propriamente, no debruçar-se sobre o sentido do humano, que ele compreende, essencialmente, como relação com o outro, com o mundo, com o transcendente.

A sua filosofia do diálogo nos permite situar nosso “sermos humanos” a partir do compromisso com o mundo, no qual vivemos. Uma elaboração que, ao mesmo tempo, possibilita a incorporação dos valores concernentes ao humano, e que conduz os indivíduos a se desenvolverem de maneira autônoma e autêntica.

Martin Buber tornou-se conhecido por sua filosofia do diálogo, especialmente pela sua obra “Eu e Tu” (1923). Trata-se de uma reflexão sobre o sentido do humano, ao mesmo tempo em que é um convite a uma existência autêntica, aquela que só se expressa na vivência dialógica. O ser humano só pode ser compreendido na relação com o outro. Sem dúvida, o fato primordial para Buber é a relação, o diálogo; ele é a categoria



existencial por excelência, aquela sobre a qual Buber funda suas reflexões sobre o humano.

Compreendendo a pessoa humana como ser de relação, Buber a caracteriza segundo as palavras-princípio “Eu-Tu” e “Eu-Isso”, modos de existência que refletem dois polos da mesma humanidade, e a sua dupla atitude frente ao mundo, compreendida como posição fundamental de se colocar a qualquer dos existentes.

A relação “Eu-Tu”, reflete a atitude do encontro com o outro, expressão do significado mais profundo da existência humana, que se revela no engajamento, na solidariedade com o mundo; reflete o comprometimento incondicional com o outro. Enquanto o relacionamento “Eu-Isso” expressa o distanciamento, a objetividade; reflete a atividade do saber, do experimentar, do “utilizar”.

Afirmar como especificidade humana a relação “Eu-Tu”, não significa negar a importância do relacionamento “Eu-Isso” no campo do conhecimento objetivo, no trato com o mundo. É uma atitude sem a qual o homem não pode viver, mas que se torna nociva quando se converte a forma preponderante de expressão humana, pretendendo englobar toda a pessoa e impossibilitando o emergir de respostas nos níveis mais profundos que só podem surgir dos encontros “Eu-Tu”.

Esta relação encontra-se envolta na condição de gratuidade. Por isso disse Buber: “a relação de um homem com o seu semelhante não envolve apenas parte do seu ser”. O humano é assim compreendido por Buber a partir de uma antropologia do inter-humano, enquanto esfera do cara-a-cara.

O cerne da questão é a “esfera do entre, o espaço onde se realiza o diálogo, o encontro entre Eu e Tu”. Trata-se de um relacionamento assentado na reciprocidade. Tal relação se estende à natureza e aos “seres espirituais”. Contudo, é inegável que a reciprocidade encontra-se limitada.

A existência autêntica encontra-se profundamente vinculada à relação com o Tu Eterno, *HaShem*. Uma relação que se constitui no mundo, pressupondo que aquele “que verdadeiramente vai ao encontro do mundo, vai ao encontro de Deus”. Uma experiência



que não afasta o homem da vivência mundana, mas o compromete com a sua existência e com a dos demais no mundo.

A expressão maior desse encontro com o Tu Eterno é a relação entre os homens, uma vez que a “relação com o ser humano é a verdadeira imagem da relação com D’us, na qual a verdadeira invocação participa da verdadeira resposta”, pois só entre os homens é possível falar em reciprocidade plena.

Por todo o anterior, afirmamos que diálogo na prática é fazer que a Declaração *Nostra Aetate* esteja viva, como neste encontro, e no encontro entre seres humanos que se respeitam mutuamente e não consideram que devam julgar desde um pedestal aos outros.

Junto com a Declaração *Nostra Aetate*, os Dez Pontos de Seelisberg, alguns deles antes citados, podem contribuir para a melhoria das relações entre judeus, católicos e demais cristãos.

Para terminar esta curta apresentação de um tema tão complexo, registro os Doze Pontos de Berlim, firmados em julho de 2009, e que são dos compromissos mais recentes no processo de diálogo vivo, respeitoso e permanente entre comunidades.

1. Combater o antissemitismo de cunho religioso, racial ou de qualquer outra natureza.
2. Promover o diálogo inter-religioso com os judeus.
3. Desenvolver a compreensão teológica do Judaísmo afirmando a sua integridade específica.
4. Orar pela paz em Jerusalém.
5. Reconhecer os esforços realizados por numerosas comunidades cristãs no final do século XX para mudar a sua atitude em relação aos judeus.
6. Reexaminar os textos e as liturgias judaicas à luz destas reformas cristãs.
7. Diferenciar entre a crítica imparcial a Israel e o antissemitismo.
8. Expressar apoio ao Estado de Israel em seus esforços para alcançar os ideais firmados na sua fundação, que Israel compartilha com muitas nações do mundo.



9. Melhorar a educação inter-religiosa e intercultural.
10. Promover a amizade e cooperação entre as religiões bem como a justiça social na sociedade globalizada.
11. Intensificar o diálogo com entidades políticas e econômicas.
12. Criar uma rede de contatos com todos que trabalham em prol da preservação do meio ambiente.

## BIBLIOGRAFIA

AMÂNCIO, Moacir. *O Talmud*. São Paulo: Iluminuras, 1992.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1989.

AUSUBEL, Nathan. *Enciclopédia Judaica: Conhecimento Judaico I e II*. Rio de Janeiro: Koogan, 1989.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. S. Paulo: Centauro, 2012.

GUINSBURG, Jacó (org.). *Do estudo e da oração*. S. Paulo: Perspectiva, 1968.

KAPLAN, Aryeh Anot. *A Torá viva*. S. Paulo: Maayanot, 2001.

KAUFMANN, Yehezkel. *A religião de Israel*. S. Paulo: Perspectiva, 1989.

LEVINAS, Emmanuel. *Quatro leituras talmúdicas*. S. Paulo: Perspectiva, 2003.

MILKEWITZ, Alberto; *Ledor vador: Construindo identidades judaicas de geração em geração (Estudo exploratório de casos de famílias e escolas judaicas em S. Paulo. S. Paulo, FEUSP, 2006. (Dissertação de Mestrado).*

MILKEWITZ, Alberto. *Introdução aos pensamentos de Twersky e Maimônides sobre educação judaica*. In: LAUAND, Jean (org.). *Estudos 11 – Filosofia e Educação*. S. Paulo: Factash, 2008, p. 49.



MILKEWITZ, Alberto. *Indagação filosófica e educação judaica: as Leis do Estudo da Torá do Código de Maimônides como guia*. S. Paulo, FEUSP, 2012. (Tese de Doutorado).

REHFELD, Walter I. *Tempo e religião: A experiência do homem bíblico*. S. Paulo: Perspectiva, 1988.

ZADOFF, Efraím. *Enciclopedia de la historia y la cultura del pueblo judío*. Jerusalén: EDZ Nativ, 1998.

---

\* Alberto Milkewitz: psicólogo; graduado em Administração de Organizações sem fins lucrativos por “The Hebrew University of Jerusalém” (Schwartz Program) em Israel; estudou no Seminário Rabínico Abarbanel – São Paulo; Mestre e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP).

<sup>1</sup> *HaShem* em hebraico, significa “O Nome”, é uma das formas de chamar ao Todo Poderoso, sem fazer uso indevido ou em vão do seu nome.

<sup>2</sup> ARENDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo*, p. 295-296.

<sup>3</sup> Os negritos nesta citação são nossos.

<sup>4</sup> As traduções do inglês para o português são de exclusiva responsabilidade nossa.

<sup>5</sup> *Eruvin* : Nome de um dos tratados que compõem o Talmude.

<sup>6</sup> *BEIT HILEL* e *BEIT SHAMAI*: A primeira geração dos *Tanaim*, que exerceu suas atividades no início do reinado de Herodes, é representada por Hillel e Shamaï, fundadores de duas escolas que levaram seus nomes (Beit Hillel e Beit Shamaï). As duas escolas refletiam a personalidade de seus fundadores. Hillel nasceu na Babilônia durante o século I a.e.c., mudou-se para a Judéia com 14 anos. Passou alguns anos em Jerusalém e depois se mudou para a Galileia. Hillel era uma pessoa amável, simples, próxima às camadas mais modestas, e suas máximas breves refletem sua generosidade, piedade e amor à humanidade. Shamaï era extremamente íntegro, mas rígido e irascível.

<sup>7</sup> DE MOURA CASTRO, Claudio. Mãe chinesa ou mãe judia? In: *Revista Veja*, 03.04.2011, Brasil.